

A AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE: uma revisão integrativa.

OLIVEIRA, Elizia Mara Alves¹; SILVA, Raissa Campos²; SOARES, Karolainy Campos³; CHAVES, Renato Novaes⁴.

RESUMO

Introdução: A automedicação é caracterizada como o ato de se auto medicar e essa prática se tornou um tema de grande preocupação da saúde pública no último tempos. Se tratando de profissionais de saúde a prática da automedicação torna se facilitada devido ao acesso as medicações, aos conhecimentos técnicos adquiridos, assim como disponibilidade ao acesso as prescrições médicas. **Objetivo:** Investigar como ocorre a automedicação nos profissionais da saúde. **Método:** Trata-se de um estudo realizado através do método revisão integrativa que inclui a análise através de bases de dados como a Biblioteca Virtual em Saúde Enfermagem (BVS Enfermagem); SciELO e Google Acadêmico. Para critérios de inclusão foram analisados 2015 a 2022, artigos de acesso livre e gratuito, na língua portuguesa. Para critérios de exclusão foram estabelecidos artigos incompletos, publicações fora do tema e artigos de revisão. **Resultados:** A amostra final foi composta por dez artigos, onde percebeu-se que os profissionais da saúde têm acesso facilitado das medicações, saber da farmacologia e reconhecer os sinais e sintomas, além de sobrecarga e falta de tempo para consultas médicas, praticam a automedicação. **Considerações finais:** A automedicação entre profissionais da saúde pode ser minimizada através de fiscalização em hospitais e nas unidades de saúde para que não exista sobra de medicamentos de pacientes e políticas públicas para que as farmácias somente vendam medicações com prescrições médicas.

Palavras chave: Automedicação. Profissionais da saúde. Fármacos.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication is characterized as the act of self-medicating and this practice has become a topic of great public health concern in the last time. In the case of health professionals, the practice of self-medication becomes easier due to access to medications, acquired technical knowledge, as well as availability of access to medical prescriptions. **Objective:** To investigate how self-medication occurs in health professionals. **Method:** This is a study conducted through the integrative review method that includes analysis through databases such as the Virtual Library in Nursing Health (VHL Nursing); SciELO and Google Scholar. For

¹ Faculdade de Farmácia. UNIFTC - Centro Acadêmico Universitário. Vitória da Conquista, BA - Brasil.

² Faculdade de Enfermagem. UNIFTC - Centro Acadêmico Universitário. Vitória da Conquista, BA - Brasil.

³ Faculdade de Enfermagem. UNIFTC - Centro Acadêmico Universitário. Vitória da Conquista, BA - Brasil.

⁴ Orientador. Enfermeiro. Professor. Doutor em memória, envelhecimento e dependência funcional. Vitória da Conquista, BA - Brasil.

inclusion criteria, articles of free and free access were analyzed from 2015 to 2022 in Portuguese. Incomplete articles, non-theme publications and review articles were established for exclusion criteria. **Results:** The final sample consisted of ten articles, where it was noticed that health professionals have facilitated access to medications, to know pharmacology and to recognize the signs and symptoms, in addition to overload and lack of time for medical consultations, they practice self-medication. **Final considerations:** Self-medication among health professionals can be minimized through inspection in hospitals and health units so that there is no leftover patient medications and public policies so that pharmacies only sell medications with medical prescriptions.

Keywords: Self-medication. Health professionals. Drugs.

1 INTRODUÇÃO

O consumo de medicamentos tem avançado em todo o mundo e as organizações competentes para essa fiscalização não se impede esse hábito. Isso demonstra que a automedicação ocorre na população em geral: colaboradores, donas de casa, acadêmicos da área médica, universitários e profissionais – com destaque para os profissionais de saúde, entre os quais esta ação é constante (FERREIRA; DE SOUZA; PAIM, 2019).

Segundo Ferreira *et al* (2019) devido a profissão, os trabalhadores da saúde recebem instruções e orientações diárias sobre medicamentos, devido a facilidade do contato com os fármacos. Durante todo o período acadêmico as informações sobre doenças, sinais e sintomas e drogas utilizadas em tratamentos são abordados e comentados. Os enfermeiros estão mais suscetíveis à manifestação ou instalação de doenças físicas ou psíquicas em virtude da relação desgastante vinculada ao trabalho. Por outro lado, o meio ocupacional possibilita acesso aos medicamentos, o que favorece o uso sem indicação adequada.

Atualmente as pesquisas tentam analisar os perfis que mais utilizam medicações, ficando cada vez mais evidente que os principais usuários são aqueles que possuem um maior grau de conhecimento (GALATA; MADALENA; PEREIRA, 2012). Um estudo realizado por Silva *et al* (2016) nas cidades no Brasil com os profissionais da saúde, em São Paulo, aproximadamente 74% dos entrevistados utilizaram medicamentos, sendo 53% sem prescrição médica. Já no Rio de Janeiro, uma unidade básica de saúde, cerca de 25% profissionais de automedicaram mesmo possuindo problemas de saúde.

De acordo com Brito *et al* (2010) a automedicação é caracterizada como o consumo de um fármaco, sendo industrializado ou não, sem orientação ou prescrição médica, no qual o próprio indivíduo determina qual medicação irá fazer utilizar.

A automedicação origina-se com o surgimento de sinais e sintomas, principalmente associadas a dores de cabeça ou algum desconforto que precipita um desarranjo no bem-estar biopsicossocial, induzindo o uso de fármacos já conhecidos para alívio dos mesmos (DE SOUZA; NETA, 2016).

Embora esteja relacionada com o bem-estar físico e mental de quem a utiliza, a automedicação pode trazer várias reações adversas como o aumento de resistência bacteriana, hemorragia, alergia, intoxicação, doenças iatrogênicas, feitos indesejáveis, mascaramento de doenças entre outras. Estudos apontam que esta prática é adotada por inúmeras pessoas da sociedade, e atinge todas as faixas etárias, níveis educacionais e sociais, devendo a educação em saúde ser a estratégia impulsionadora para a capacitação do uso racional e correto dos medicamentos (BARBOZA *et al.*, 2021).

Diante das questões discutidas, levanta-se o seguinte questionamento: Como a literatura nacional aborda a automedicação nos profissionais da saúde?

O objetivo geral desse artigo é investigar como ocorre a automedicação nos profissionais da saúde. Aos objetivos específicos: identificar a facilidade do contato dos profissionais da saúde com os fármacos para a automedicação; descrever os riscos da automedicação para um profissional da saúde; apontar o que leva os profissionais da saúde a se automedicar.

Torna-se relevante esse estudo na intenção de mostrar aos profissionais da saúde que a prática da automedicação trás malefícios a saúde, sendo elas físicas e psicológicas. Mostrando que por conta da facilidade ao acesso a esses medicamentos acarretam mais problemas do que soluções. Como intuito de preservar a saúde desses profissionais as instituições deveriam adotar métodos em palestras e *workshop* mostrando esses maléficos da prática da automedicação. Dito isto, as farmácias dessas instituições devem também adotar um controle mais rigoroso da distribuição de medicamentos. Nota-se que devido ao fácil acesso a estes fármacos, torna-se a prática da automedicação mais corriqueira. Sendo assim, este artigo tem como objetivo levar a reflexão das consequências ao se automedicar.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo realizado através do método revisão integrativa que inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão, permitindo a incorporação desses achados na prática clínica. Este tipo de estudo é uma estratégia para a identificação e análise das evidências existentes de práticas de saúde, quando a produção de conhecimento científico não está suficientemente fundamentada (RIBEIRO *et al.*, 2012).

As bases de dados consultadas foram a Biblioteca Virtual em Saúde Enfermagem (BVS Enfermagem); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico. Foram utilizados como palavras-chave os termos retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “automedicação”, “profissionais da saúde”, combinado com o operador booleano “AND” utilizando os cruzamentos como “automedicação AND profissionais da saúde”.

Para critérios de inclusão e análise dos dados o método de estudo utilizado foi por pesquisas baixados de arquivos científicos na internet entre os anos de 2015 a 2022, artigos de acesso livre e gratuito, na língua portuguesa, sempre relacionados ao tema contribuindo assim para o acúmulo do conhecimento científico acerca do problema. Para critérios de exclusão foram estabelecidos artigos incompletos, publicações fora do tema e artigos de revisão.

A busca inicial obteve-se o número de 17.858 publicações, que após a aplicação dos critérios foi reduzido para um total de 90 artigos, em seguida realizada uma leitura do título e do resumo para analisar a questão norteadora do estudo chegou no total de 10 publicações que foram trabalhadas para elaborar este artigo, selecionados para a confecção dessa revisão integrativa sendo 9 da base de dados Google Acadêmico, 1 da BVS Enfermagem e 0 da SciELO.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o quadro 1, que aborda as características dos estudos incluídos na revisão integrativa, observa-se a predominância de estudos no ano 2017 (n=5)

seguido do ano 2020 (n=3), fica evidente o estudo transversal (n=7) para a maioria dos autores, seguido descritivo (n=6) de e quantitativo (n=5).

Nota-se que os estudos voltados para a identificação da facilidade do contato dos profissionais da saúde com os fármacos para a automedicação (n=2) mostra que os profissionais da saúde praticaram a automedicação através que sobra de fármacos de pacientes que não foram devolvidos a farmácia hospitalar. Ou até mesmo, as farmácias vendem medicação sem a prescrição médica.

Observa-se que ao descrever os riscos da automedicação para um profissional da saúde (n=1) os estudos mostraram sobre efeitos colaterais não desejáveis.

Sobre os estudos que apontam o que leva os profissionais da saúde a se automedicar (n=8) são que pelo conhecimento da área voltada para a farmacologia do fármaco, por isso, não necessita buscar uma consulta médica para receitar uma medicação para uso dos sintomas ou doenças, além da exaustão e sobrecarga de trabalho.

Quadro 01: Quadro-síntese das características dos estudos incluídos na revisão integrativa. Vitória da Conquista, BA, 2022.

Autor (ano)	Revista	Objetivo	Tipo de estudo	Resultados
BATISTA ; DE OLIVEIRA; DE SOUZA CORRÊA (2017)	Revista Eletrônica Acervo Saúde/	Identificar a prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem em um centro universitário privado de Minas Gerais, além de traçar o perfil epidemiológico dos acadêmicos e descrever os fatores associados a essa prática.	Estudo de campo transversal e delineamento quantitativo.	Quanto a automedicação, 82,4% dos entrevistados afirmaram que já realizaram essa prática e 83,25% confirmam ter feito uso de medicamentos no último ano, dos entrevistados 86,96% são do sexo feminino. 78,18% sentem-se seguros com prática de automedicação. As classes dos medicamentos mais utilizados foram: analgésicos (41,03%) e anticoncepcional (15,30%), em seguida encontram-se os antibióticos, com 12,53% e antipiréticos com 8,84%. A maioria dos universitários (75,89%) afirmaram comprar os medicamentos em farmácia sem receita médica; 8,45% utilizam medicamentos que sobram de pacientes e que não foram devolvidos à farmácia no local de trabalho. O fácil acesso aos medicamentos foi motivo destacado pelos estudantes que os levaram a praticar a automedicação sendo 49,80% dos estudantes e 26,41% se automedicam por falta de tempo.
CHAVES, <i>et al.</i> (2017)	Revista Saúde. com, v. 13, n. 4	Analisar o perfil de automedicação entre	Estudo transversal descritivo	Os resultados apontaram que a maioria dos estudantes tem idade entre 21 e 25 anos (33,10%) e sexo feminino (84,40%) e que há correlação muito forte entre o conhecimento

		estudantes de enfermagem.	o.	adquirido no curso de enfermagem e a prática da automedicação ($r=0,960$, $p=0,01$), sendo que esta prática se relaciona também a orientações dadas pelos estudantes a outros indivíduos (54,54%) e à leitura da bula dos medicamentos (87,60%). Detectou-se ainda a maior utilização de analgésicos pelos estudantes entrevistados (63,63%), a presença de reações adversas aos medicamentos (55,20%) como náuseas e cefaleia e a procura por atendimento médico (70,12%).
DA SILVA CARDO SO, <i>et al.</i> (2020)	Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 12, p. e4761-e4761	Verificar a prática da automedicação entre profissionais de enfermagem atuantes em unidades básicas de saúde (UBS) e na unidade de pronto atendimento (UPA).	Estudo descritivo, quantitativo e exploratório.	Quanto à automedicação 70,10% fizeram uso irracional de medicamentos nos últimos 30 dias, 68,70% adquiriram os medicamentos em farmácias. A principal causa foi à melhora de um sintoma de forma rápida (42%). A classe mais utilizada foi o analgésico com 48%, ou este associado a outras classes de medicamentos com 40%. Dos efeitos colaterais a sonolência e desconforto abdominal foram mais citados com 18% e 16% respectivamente.
DOMINGUES, <i>et al.</i> (2017)	Visão Acadêmica, v. 18, n. 2	Identificar a prevalência da prática da automedicação e o perfil de consumo de medicamentos entre acadêmicos dos cursos da área de saúde de uma Faculdade Particular na cidade de Curitiba.	Estudo transversal.	Dos 76 acadêmicos avaliados, houve predomínio do sexo feminino (80,3%), sendo que dentre essas 55,7% relataram o uso de medicamentos. A classe dos analgésicos foi a mais relatada (56,5%). A principal causa de automedicação foi o reconhecimento que o sintoma apresentado não era motivo para a procura médica.
FERREIRA (2020)	Repositório Institucional AEE.	Determinar a frequência e os fatores associados à automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade localizada no interior de Goiás.	Método de abordagem em o quantitativo, a pesquisa descritiva e o questionário como instrumento de coleta	A totalidade dos participantes (100%) afirmaram que já fizeram uso de algum medicamento sem prescrição médica, com uma frequência de automedicação de 1 a 2 vezes (48%). As principais causas da automedicação foram: dor de cabeça (92,5%), gripe ou resfriado (77,5%), cólica menstrual (59,5%), febre (52%) enjoo (52%) e os medicamentos mais usados foram: analgésicos/antitérmicos (89%) e remédios para resfriados e gripes (70,5%). O principal fator para a automedicação foi o conhecimento sobre o uso da medicação (66,5%)

GUIDOR ENI, <i>et al.</i> (2015)	Cadernos UniFOA, v. 10, n. 29, p. 129-136	Abordar a automedicação com acadêmicos de enfermagem, e avaliar a incidência e características dessa prática na atuação profissional.	Estudo descritivo e exploratório, com abordagem em quantitativa.	Diversos estudos mostram a alta taxa de automedicação entre estudantes de enfermagem, variando entre 72,0% e 91,2%. A pesquisa buscou avaliar também quais os principais fármacos utilizados sem prescrição médica pelos alunos. Os fármacos mais utilizados, os anti-inflamatórios não esteroides (AINES) são os mais presentes: 96,1% dos alunos afirmaram já ter feito uso de dipirona, 83,9% utilizaram paracetamol, 38,7% disseram já ter usado ácido acetil salicílico e 37,4% diclofenaco ácido sem prescrição.
MACHADO; DA SILVA; DE PEDER (2020)	Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde, v. 7, n. 13, p. 10-15	Determinar a prevalência de automedicação em profissionais de enfermagem, bem como avaliar o perfil epidemiológico destes profissionais e os fatores associados à automedicação entre eles.	Estudo transversal de caráter descritivo e quantitativo realizado por meio da aplicação de questionários pré-determinados.	Observou-se que 36% dos técnicos de enfermagem e 30% dos enfermeiros utilizam a prática da automedicação, sendo que o analgésico foi a classe medicamentosa mais utilizada (58,72%) para combater sinais e sintomas decorrentes da carga de trabalho excessiva. Dos entrevistados, 50% atribuem a prática de automedicação à falta de tempo para ir a uma consulta.
PEREIRA, <i>et al.</i> (2018)	Revista de Investigação Biomédica, v. 10, n. 2, p. 142-154	Avaliar a prevalência da automedicação e os fatores associados em profissionais de saúde de um hospital privado em São Luís, Maranhão.	Estudo transversal, com coleta de dados por meio de questionário autoaplicável.	Dos 120 profissionais entrevistados, 73,3% (n=88) faziam uso da automedicação, sendo 80% (n=96) mulheres; 45% (n=54) tem ensino médio completo, 36,7% (n=44) possuem renda de até 3 salários, 33,3% (n=40) técnicos de enfermagem e 47,5% (n=57) trabalhavam em dois turnos. É possível fazer uma análise a este resultado segundo um estudo realizado, em que 91,3% dos entrevistados admitiram recorrer à automedicação quando apresentam problemas de saúde.
PISSARA; GALLARDO; ROSADO (2017)	Revista de ciências da saúde da ESSCVP, v. 9	Avaliar a prevalência da prática de automedicação realizada pelos profissionais de saúde.	Estudo descritivo, observacional e transversal.	Dos 264 profissionais de saúde inquiridos, 74,6% praticam a automedicação, sendo a principal razão "doenças/sintomas que não necessitam de intervenção médica" (30,9%). Verificou-se que 84,8% refere adquirir medicamentos sem receita médica. Os quadros clínicos mais frequentes, referidos pelos profissionais de saúde, são As dores de cabeça (17,1%) e as gripes/constipações (14,8%), e os medicamentos mais utilizados são os analgésicos (20,7%) e os anti-inflamatórios (17,5%).
SANTANA, <i>et al.</i> (2017)	Revista de Enfermagem UFPE online.	Analisar o uso de medicamentos psicoativos	Estudo transversal descritivo	Em relação à atividade profissional, nas categorias da automedicação os opiáceos e tranquilizantes, 9,76% foram os mais relatados que o uso de medicamentos

		entre profissionais da saúde.	o, de abordagem em quantitativa.	psicoativos tinha relação com o trabalho e, quando perguntados sobre o porquê, todos referiram estresse, carga horária, más condições de trabalho e noites em claro como motivo para o uso desses medicamentos.
--	--	-------------------------------	----------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa.

Dito isso, Brito (2010) estima que 35% dos brasileiros tem o hábito de se automedicarem. Sendo assim, demonstra-se que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam (CHEHUEN NETO, 2006).

Em concordância, os fatores mais comuns que podem induzir à prática da automedicação são a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a facilidade de acesso ao medicamento, às propagandas da mídia diariamente, a questão cultural, indicação de terceiros, reutilização de sobras de medicamentos, os conhecimentos de sintomas de doenças já vivenciadas pela pessoa (RIVAS; RIVAS; BUSTOS, 2018).

Vale destacar os riscos da automedicação que segundo Garcez e Souza (2013) o uso indiscriminado de medicamentos ou substâncias consideradas “banais”, como por exemplo, os analgésicos, podem gerar muitas consequências, como reações alérgicas, dependência, sangramento digestivo, podendo ainda aumentar o risco de determinadas neoplasias.

O surgimento de cepas com variáveis e crescentes níveis de resistência aos antimicrobianos tornou-se motivo de grande preocupação. Todo o processo é bem complexo e têm múltiplas causas, algumas já bem determinadas, outras a serem esclarecidas. Entre as esclarecidas o uso abusivo e indiscriminado dos antimicrobianos é um dos fatores que estão diretamente ligados à resistência (MELO, 2010).

Por fim, Silva *et al* (2011) frisa que a automedicação é um acontecimento prejudicial à saúde do indivíduo. Dessa forma, cabe aos profissionais e acadêmicos da saúde se capacitarem, quanto a esta prática, visando ao não comprometimento de sua saúde.

Sendo assim, a automedicação não é um ato errôneo, mas deve haver um equilíbrio baseado numa automedicação responsável e segura, podendo ser instruída por um profissional de saúde com capacidade para tal (MACHADO, 2015).

Seguindo a linha de pensamento De Souza e Neta (2016) o uso incorreto de medicamentos, o profissional, ao submeter-se ao uso inicial de psicotrópicos, por exemplo frequentemente, prossegue com outras experiências descontroladas, revelando mudanças comportamentais. Desta forma, seu perfil modificado passa a desvelar um desempenho indesejável: baixo rendimento, altos índices de absenteísmo, não colaborativo com a equipe, convivência difícil e desconforto social no ambiente de trabalho, além de ser susceptível a erros e acidentes (DOS SANTOS PORTO, 2020).

Em concordância, Bittar e Gontijo (2015) afirmam que a sobrecarga de trabalho leva os profissionais a desenvolverem sintomas físicos e psíquicos que dispõe de acesso esses medicamentos a automedicação para alívio destes sofrimentos.

Nota-se que, na automedicação, os medicamentos mais utilizados por profissionais da saúde são analgésico-antitérmicos, anti-inflamatórios, xaropes para tosse, medicamentos para resfriados e gripes, complexos vitamínicos e descongestionantes/vasoconstrictores nasais, os principais motivos relatados foram dores de cabeça, resfriado/gripe, febre e infecções/inflamações de garganta (ALVES, *et al.* 2019).

Além disso, Brito (2010) ressalta que o contexto do profissional de enfermagem está relacionado a inúmeras jornadas de trabalho, a complexa função que ele desempenha na instituição que podem desencadear situações de crise e/ou dificuldades, transformando a automedicação na solução dos problemas da sua vida.

Para Tomasi *et al* (2007) diversos fatores têm sido relacionados ao estresse ocupacional em diferentes atividades produtivas, com destaque para o trabalho por turnos, o trabalho noturno, a sobrecarga quantitativa e qualitativa de trabalho, a falta de controle sobre as atividades, a remuneração, a responsabilidade excessiva, a exposição a situações de enfrentamento, o trabalho rotineiro, a qualidade das relações interpessoais, a falta de segurança e a instabilidade no emprego. Em concordância, uso excessivo de analgésicos, entre trabalhadores da enfermagem, pode ser decorrente das más condições de trabalho, que levam à fadiga, à necessidade de uso de medicamentos e, conseqüentemente, da automedicação (GALVAN, 2014).

Para finalizar, Almeida (2020) destaca que os motivos para uso da automedicação estão relacionados ao excesso de carga horária, o conhecimento desenvolvido com as medicações, a facilidade de obter os medicamentos, além do hábito cultural da população brasileira, afirmando que trabalhar na enfermagem está diretamente relacionado com a prática da automedicação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa apontam que a automedicação entre profissionais da área da saúde indica que o uso inadequado dos mesmos é que traz diversos malefícios para a saúde. Os dados mostram que toda a população participa dessa prática, porém, na área da saúde, a categoria da enfermagem são os profissionais em que abrangem maior porcentagem daqueles que praticam a automedicação.

Os profissionais da saúde se automedicam devido aos sinais e sintomas apresentados, muitas vezes desenvolvidas pela carga exaustiva de trabalho ou doenças pré-existentes, pela falta de tempo de ir a uma consulta médica e pelo grande conhecimento e manipulação dos fármacos.

Isso pode ser minimizado através, fiscalização em hospitais e nas unidades de saúde para que não exista sobra de medicamentos de pacientes, assim como investir em políticas públicas para que as farmácias somente vendam medicações com prescrições médicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alaide et al. **Automedicação em profissionais da Saúde**. 2020. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/02/automedicacao-em-profissionais-da-saude.pdf>. Acesso em: 09/11/2022.

ALVES, Damião Romero Firmino et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 363-370, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/238096/31328>. Acesso em: 07/11/2022.

BARBOZA, Mavíael Pereira et al. O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 15, pág. e310101522995-e310101522995, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22995/20059>. Acesso no dia: 15/09/2022.

BATISTA, Paula; DE OLIVEIRA, Aleff Diego Santos; DE SOUZA CORRÊA, Camila. Automedicação entre acadêmicos de Enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde/ElectronicJournalCollection Health ISSN**, v. 2178, p. 2091. 2017. Disponível em: <https://www.acervosaude.com.br/doc/REAS71.pdf>. Acesso em: 05/10/2022.

BITTAR, Cléria Maria Lobo; GONTIJO, Isabel Lucas. Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem de um hospital de Uberaba–MG. **Gestão e Saúde**, v. 6, n. 2, p. Pag. 1229-1238, 2015 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5556170>. Acesso em: 04/10/2022.

BRITO, Éverton Guedes de. Automedicação dos profissionais de saúde: uma revisão da literatura. 2010. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em gestão de sistemas e serviços de saúde) - **Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz**, Recife, 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29316>. Acesso em: 04/10/2022.

CHAVES, Anny Carolinny Tigre Almeida et al. Perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem. **Revista Saúde. com**, v. 13, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/3617/2992>. Acesso em: 05/10/2022.

DA SILVA CARDOSO, Lânia et al. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, p. e4761-e4761, 2020. Disponível em: <https://18.231.186.255/index.php/saude/article/view/4761>. Acesso em: 04/10/2022.

DE SOUZA, Deyverson Ricardo Pereira; NETA, Maria Esméria. Automedicação por profissionais e acadêmicos da área da saúde: uma revisão de literatura. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 965-974, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2904>. Acesso em: 05/10/2022.

DOMINGUES, Maria Paula Santos et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/52943>. Acesso em: 04/10/2022.

DOS SANTOS PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues et al. Fatores associados à automedicação em estudantes de enfermagem e enfermeiros: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 10, p. e4111-e4111, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4111>. Acesso em: 10/10/2022.

FERREIRA, Fábio Gil; DE SOUZA, Janaina Samantha Martins; PAIM, Roberta Soldatelli Pagno. Prevalência da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem em uma Faculdade de Caxias do Sul. **Revista Contexto & Saúde**, v. 19, n. 36, p. 46-52, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/6908>. Acesso em: 03/10/2022.

FERREIRA, Núbhia Fernanda do Prado. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade. **Repositório Institucional AEE**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/18575>. Acesso em: 05/10/2022.

GALVAN, Micheli Rita. Automedicação entre profissionais da saúde. **Lume UFRGS**. 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/112143>. Acesso em: 09/11/2022.

GARCEZ, Elisvagna Alves; SOUZA, Keite Silva. Automedicação – Classes de Medicamentos mais consumidos em **Drogarias no Município de Ceres-Go**. 2013. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/16755>. Acesso em: 09/10/2022.

GUIDORENI, Cristiane Gorgati et al. Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem. **Cadernos UniFOA**, v. 10, n. 29, p. 129-136, 2015. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/410>. Acesso em: 07/10/2022.

MACHADO, Jackcelly; DA SILVA, Claudinei Mesquita; DE PEDER, Leyde Daiane. Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 7, n. 13, p. 10-15, 2020. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/view/985>. Acesso em: 04/10/2022.

MACHADO, Sílvia Adelaide Gomes Machado. **Automedicação e Gestão de Medicamentos nas Habitações de Profissionais de Farmácia do Porto**. 2015. Tese de Doutorado. Instituto Politecnico do Porto (Portugal). Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/c90b3ed2923ca9bfb386df9868c2c9a4/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 19/10/2022.

MELO, Fabiano Henrique de Queiroz. A prática da automedicação do contexto dos antimicrobianos. **Anuário da produção de iniciação científica discente**, vol. 13, n. 20, p. 147-159. 2010. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1249/1/artigo%2032.pdf>. Acesso em: 11/10/2022.

NETO, José Antonio Chehuen et al. Automedicação entre Estudantes de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Revista**, v. 32, n. 3, p. 59-64, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/18/13>. Acesso em: 07/10/2022.

PEREIRA, Wellison Amorim et al. Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA. **Revista de Investigação Biomédica**, v. 10, n. 2, p. 142-154, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Wellison-Amorim-Pereira/publication/332459002_PREVALENCIA_DE_AUTOMEDICACAO_EM_PROFISSIONAIS_DE_SAUDE_DE_UM_HOSPITAL_PRIVADO_DE_SAO_LUIS-MA/links/5d9e202da6fdcc04fac5ddc7/PREVALENCIA-DE-AUTOMEDICACAO-EM-PROFISSIONAIS-DE-SAUDE-DE-UM-HOSPITAL-PRIVADO-DE-SAO-LUIS-MA.pdf. Acesso em: 04/10/2022.

PISSARA, Inês; GALLARDO, Eugenia; ROSADO, Tiago. Prevalência da automedicação em profissionais da saúde. **Revista de ciências da saúde da ESSCVP**, v. 9, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eugenia-Gallardo/publication/321767996_Prevalence_of_self-medication_among_healthcare_workers/links/5a38f49a0f7e9b7c48704d28/Prevalence-of-self-medication-among-healthcare-workers.pdf. Acesso em: 04/10/2022.

RIBEIRO, Renata Perfeito et al. O adoecer pelo trabalho na enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 495-504, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/4QYBcfLQQyLyptsFmRqbkys/?lang=pt>. Acesso em: 16/09/2022.

RIVAS, Edith Riveros; RIVAS, Angélica Lienqueo; BUSTOS, Luís Medina. Consumo de medicamentos em profissionais e técnicos/administrativos de saúde. **Enfermagem (Montevidéu)**. Montevidéu, v. 7, n. 2, pág. 63-82, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2393-66062018000200063&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 14/10/2022.

SANTANA, Fernanda Lopes et al. Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais de saúde. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 7, p. 2881-2887, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10177>. Acesso em: 04/10/2022.

SILVA, Lucas Salles Freitas et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. **Odontologia Clínico-Científica (Online)**, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011. Disponível em: http://revodontobvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38882011000100011. Acesso em: 11/10/2022.

SILVA, Priscilla Vieira da et al. Automedicação: uma prática realizada pelos profissionais de saúde. **Faculdade Integrada de Pernambuco-FACIPE**. 2016. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2797/Artigo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05/10/2022.

TOMASI, Elaine et al. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, p. 66-74, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/ZShXRQdrw5mQYLYY99fQgrR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09/11/2022.